

## Introdução

Há encontros que não começam com palavras começam com olhares.

E há histórias que não nascem da certeza, mas do acaso silencioso de dois destinos que se cruzam no momento exato em que mais precisam um do outro.

Todas as manhãs, Inês senta-se junto à janela do comboio, como se aquele lugar fosse mais do que um simples assento como se fosse um refúgio. Lá fora, as paisagens passam apressadas, mas dentro dela o tempo parece suspenso, carregado de pensamentos que nunca chegam a ser ditos. A sua rotina é feita de silêncios, de pequenas observações, de uma vida que segue em frente sem grandes sobressaltos... pelo menos à superfície.

Até ao dia em que Miguel entra naquele mesmo comboio.

Ele carrega consigo histórias que nunca escreveu, palavras que se perderam antes de ganharem forma. Um escritor bloqueado, preso entre o que sente e o que não consegue transformar em texto. Mas, ao olhar para Inês pela primeira vez, algo muda. Como se, naquele instante, o mundo voltasse a fazer sentido ou pelo menos começasse a pedir para ser contado.

Entre estações, olhares tímidos e conversas que surgem sem aviso, nasce algo inesperado. Uma ligação feita de fragmentos: confidências sussurradas, risos leves, silêncios confortáveis. No espaço breve de uma viagem, dois desconhecidos começam a partilhar mais do que palavras partilham partes de si mesmos.

Mas nem todas as histórias são simples. Nem todos os encontros são eternos.

À medida que os dias passam, segredos emergem, sentimentos crescem e o tempo esse viajante implacável começa a cobrar o seu preço. Porque amar, às vezes, é também aprender a perder. E escrever, por vezes, é a única forma de não deixar alguém desaparecer completamente.

Esta é uma história sobre encontros e despedidas, sobre aquilo que dizemos... e tudo o que fica por dizer. Sobre um amor que nasceu entre estações e sobre o livro que ficou para sempre por terminar.



## **Entre Estações**

**Um romance sobre amor, destino e as viagens da alma**

### **Personagens principais**

**Inês** – A menina do comboio. Sensível, sonhadora e profundamente humana. Todos os dias viaja de comboio, onde encontra paz e inspiração.

**Miguel** – Um escritor que perdeu a inspiração após uma grande perda. Começa a viajar de comboio para reencontrar histórias... até conhecer Inês.

**Sr. Augusto** – Um idoso passageiro habitual que observa as pessoas e se torna uma espécie de conselheiro silencioso.

**Helena** – A melhor amiga de Inês, que conhece os segredos e fragilidades da sua vida.

**Tomás** – O irmão mais novo de Inês, que simboliza esperança e inocência.

## **Estrutura do Romance**

### **Capítulo 1 — A Rapariga da Janela**

Inês e a sua rotina no comboio.

### **Capítulo 2 — O Escritor Sem Palavras**

Miguel entra no comboio pela primeira vez.

### **Capítulo 3 — A Primeira Conversa**

Um encontro inesperado entre dois desconhecidos.

### **Capítulo 4 — Histórias Entre Estações**

Conversas profundas começam a nascer.

### **Capítulo 5 — O Segredo de Inês**

Descobre-se que Inês guarda algo sobre a sua vida.

### **Capítulo 6 — Quando os Corações Começam a Viajar**

Miguel começa a apaixonar-se.

### **Capítulo 7 — Um Livro por Escrever**

Inês torna-se a inspiração do escritor.

### **Capítulo 8 — Dias de Luz**

Momentos felizes e simples no comboio.

### **Capítulo 9 — A Tempestade**

Uma revelação muda tudo.

### **Capítulo 10 — O Silêncio das Estações**

A distância começa a crescer.

### **Capítulo 11 — O Último Verão**

Um momento intenso entre os dois.

### **Capítulo 12 — A Última Viagem**

O destino revela-se cruel.

### **Capítulo 13 — O Livro de Inês**

Miguel escreve a história dela.

### **Capítulo 14 — A Estação do Adeus**



## Capítulo 1

### A Rapariga da Janela

O comboio partia sempre às oito e dez da manhã.

Era um horário que Inês conhecia tão bem quanto o ritmo do próprio coração. A estação ainda estava envolta na quietude das primeiras horas do dia quando ela atravessava a plataforma com passos tranquilos, segurando a alça da sua pequena mala e um livro que raramente terminava.

Gostava de começar livros.

Era como começar vidas novas.

A manhã daquele dia estava particularmente luminosa. O sol nascia lentamente por trás das colinas, pintando o céu com tons suaves de dourado e rosa. Os trilhos brilhavam como duas linhas intermináveis que prometiam caminhos desconhecidos.

Inês parou por um instante antes de subir para o comboio.

Respirou fundo.

Havia algo naquele momento naquele silêncio antes da partida que lhe dava uma sensação estranha de liberdade.

Como se cada viagem fosse uma pequena fuga do mundo.

O apito do comboio ecoou pela estação.

As portas abriram-se.

E ela entrou.

Os passageiros habituais já estavam nos seus lugares: o senhor de fato cinzento que lia o jornal todos os dias, a mulher que trabalhava no hospital da cidade vizinha, e o velho senhor Augusto, que parecia conhecer cada pessoa que passava por ali.

Inês caminhou pelo corredor até ao seu lugar preferido.

A janela do lado esquerdo.

Sempre a janela.

Sentou-se e pôs o livro no colo, mas não o abriu imediatamente. Primeiro gostava de observar o mundo lá fora.

As árvores que se inclinavam suavemente com o vento.

Os pássaros que cruzavam o céu sem destino aparente.

E as pessoas na plataforma, cada uma carregando os seus próprios pensamentos.

Para Inês, o comboio não era apenas um transporte.

Era um refúgio.

Ali dentro, entre o som constante das rodas nos trilhos e o balanço suave da viagem, ela encontrava algo raro: silêncio interior.

O comboio começou a mover-se.

Lentamente primeiro.

Depois com mais confiança.

Os trilhos cantavam uma melodia antiga enquanto a paisagem começava a deslizar pela janela.

Inês encostou a cabeça ao vidro frio e sorriu.

A vida nunca tinha sido fácil para ela. Havia dias pesados, momentos difíceis e sonhos que pareciam distantes demais.

Mas ainda assim...

Ela acreditava.

Acreditava que cada novo dia trazia consigo alguma coisa boa.

Talvez um encontro inesperado.

Talvez uma pequena alegria.

Ou talvez apenas um instante de paz.

Enquanto o comboio avançava, alguém entrou no vagão e procurou um lugar para se sentar.

Era um homem de cerca de trinta e poucos anos, com o rosto cansado e um olhar que parecia carregar demasiados pensamentos.

Trazia um caderno nas mãos.

E um silêncio que parecia mais pesado do que qualquer mala.

Chamava-se Miguel.

E naquele momento ele ainda não sabia...

Mas aquela viagem iria mudar completamente a sua vida.

Porque, naquele comboio, sentada junto à janela, estava a pessoa que iria devolver-lhe aquilo que ele pensava ter perdido para sempre.

A inspiração.

E talvez algo ainda mais perigoso.

O amor.

## Capítulo 2

### O Escritor Sem Palavras

Miguel não gostava de estações.

Havia algo nelas que lhe lembrava despedidas. Pessoas que partiam, promessas que ficavam por cumprir e histórias que terminavam antes do tempo. Durante anos, evitara viajar de comboio. Preferia o silêncio do seu pequeno apartamento, rodeado por livros e folhas de papel que permaneciam, quase sempre, em branco.

Outrora fora diferente.

Houve um tempo em que as palavras lhe surgiam com facilidade, como se fossem rios que fluíam diretamente do coração para a página. Os seus livros tinham conquistado leitores, elogios e reconhecimento. Diziam que ele tinha um talento raro para transformar emoções em histórias.

Mas algo tinha mudado.

Ou talvez algo tivesse partido dentro dele.

Nos últimos dois anos, Miguel não conseguira terminar sequer um capítulo. Sentava-se à secretária, olhava para o papel durante horas e, no final, desistia.

O silêncio tinha substituído as palavras.

E era um silêncio pesado.

Foi por isso que, naquela manhã, decidira apanhar o comboio.

Não sabia exatamente porquê. Talvez procurasse apenas fugir da rotina. Talvez esperasse encontrar algo — ou alguém — que lhe devolvesse a capacidade de sentir novamente.

Entrou no vagão ainda distraído nos seus pensamentos.

Havia poucas pessoas. O som constante do comboio a preparar-se para partir misturava-se com murmúrios baixos e o virar de páginas de um jornal.

Miguel caminhou pelo corredor procurando um lugar vazio.

Foi então que a viu.

Sentada junto à janela, com a luz da manhã a iluminar-lhe o rosto, estava uma jovem que parecia pertencer mais ao mundo das histórias do que à realidade.

O vento que entrava pela pequena abertura da janela movia-lhe suavemente os cabelos. Ela observava a paisagem com uma atenção tranquila, como se cada árvore e cada campo escondessem um segredo.

Havia algo naquele olhar.

Algo difícil de explicar.

Não era apenas beleza. Era uma espécie de serenidade luminosa.

Miguel sentiu um impulso estranho — quase involuntário — de a observar por mais alguns segundos.

Depois sacudiu a cabeça, como quem tenta afastar um pensamento inesperado, e sentou-se duas filas atrás.

Abriu o seu caderno.

A página estava vazia.

Como sempre.

Durante alguns minutos tentou escrever qualquer coisa.

Uma frase.

Uma ideia.

Mas as palavras recusavam-se a aparecer.

Suspirou e fechou o caderno.

Foi então que ouviu uma voz.

— Às vezes ajuda olhar lá para fora.

Miguel levantou os olhos.

Era ela.

A menina da janela tinha-se virado ligeiramente para trás no banco e falava com um sorriso leve, quase tímido.

— Desculpe? — perguntou ele.

— Quando não sabemos o que escrever — disse ela — ajuda observar o mundo.

Miguel franziu a testa, intrigado.